

Raimundo de Farias Brito

na Filosofia do Brasil

PROF. FRANCISCO ELÍAS TEJADA

Catedrático na Universidade de Salamanca

Quem se abeirar do panorama cultural do Brasil, neste pouco mais de um século de vida nacional, que corre desde o grito do Ipiranga até hoje, por pouco que penetre e investigue as correntes que mais agitaram o aparentemente tranqüilo viver daquelas gentes perdidas em imensidades geográficas, tropeçará com um personagem: Raimundo de Farias Brito.

É certo que, se procurarmos averiguar a realidade autêntica dêste homem, encontraremos inúmeras dificuldades. Se perguntarmos a um dêesses que nossos avós chamaram, não sei se irónica, se realmente, “espíritos fortes”, responder-vos-á que não vale a pena lançar ombros ao propósito de encontrar os escritos do pensador do Ceará, tão difícil se torna dar com êles. Se interrogarmos, ao contrário, um membro do sector nacionalista, falar-nos-á de Farias Brito com elogios e encômios, onde

fácilmente poderemos notar frases feitas e repetidas segundo um modelo único, e por detrás das quais não será difícil adivinhar, que quem as diz apenas leu os títulos das obras do autor de *A Verdade como Regra das Ações*. Num ou noutro dos polos da intelectualidade brasileira, a paixão preconcebida afundou ou exaltou sem restrições a Farias Brito, sem dar ouvidos à voz serena da imparcialidade.

Desde que, há uns anos, entramos em contacto, pela primeira vez, com os meios culturais brasileiros, interessou-nos logo, viva e profundamente, a obra de homem tão discutido. Procurámos investigar quais os seus escritos e o que acerca deles se escreveu; conversamos com todos os que pudessem contar-nos pormenores da sua vida; apalpamos, sem desfalecimento, juízos e opiniões, mesmo com perigo de cair em repetições; compramos ou pedimos emprestados artigos e conferências, sem nos pouparmos a nenhum sacrifício, sem deixarmos de averiguar até o mais mínimo e aparentemente inútil vestígio sobre êle.

Tivemos a sorte de encontrar em S. Paulo um homem que sentia para com Farias Brito verdadeira paixão até ao extremo de ter reunido um arquivo muito completo, onde conseguiu juntar tudo quanto se publicara na imprensa brasileira acerca do nosso filósofo. Rui Arruda, com generosidade a que nunca renderemos suficiente homenagem de gratidão, tornou-nos possível ler em poucas semanas o que de outro modo devera ser impossível para um forasteiro, tratando-se sobretudo de país com núcleos culturais tão isolados, como os que vivem no Brasil.

Só com a sua ajuda, e com a de outros excelentes amigos, ancorados em todos os ângulos da rosa dos ventos do saber, como José Pedro Galvão de Sousa e Miguel Reale, Alexandre Correia e Arlindo Veiga dos Santos, José Loureiro Júnior e Luís Washington, Frei Benjamim de Piracicaba e Almeida Magalhães, Leonardo van Acker e Ataliba Nogueira, Plínio Salgado e Plínio Correia de Oliveira, nos foi possível reunir um conjunto de dados

muito importante. É sôbre êles que vamos construir êste apanhado da projeção ulterior de Raimundo de Farias Brito na sua Pátria.

O HOMEM E A SUA OBRA

Antes de mais, vamos tentar o retrato do personagem, já que o homem é o sustentáculo do pensador, e, queiramos ou não, constitui a impressão mais imediata do observador atento.

Representemo-nos a terra sêca e árida do norte do Brasil, recozida pelos calores das sêcas, polvorenta e áspera, coberta de estepes e de miséria; as zonas pobríssimas do Ceará, onde a fome é companheira inseparável do caboclo e a raça surge duma fusão íntima do índio aborígene com o português aventureiro. Fixemo-nos ainda num punhado de casebres miseráveis, chamado São Benedito, dependurado dos píncaros da serra da Ibiapaba, no coração mais bronco do Ceará: numa casa de um só andar, telhado baixo, uma porta e duas janelas desconjuntadas. Nela vive um pobre jornaleiro a braços com dificuldades na vida. Aqui nascerá, aqui virá ao mundo o maior pensador do Brasil.

Aquêle pai, pobre caboclo, sem mais bens que os seus braços, tem um fim único na vida: a educação daquela criança nascida em tão estranho berço. Irá para Sobral, de Sobral para Fortaleza, de Fortaleza para Recife em asas de um fanático ideal, paixão suprema de sua vida. Quando, em 1901, Marcolino José de Brito morre, pode deixar o mundo com a consolação de ter conseguido aquilo a que se propusera.

Raimundo de Farias Brito parece ter tomado de sua terra cearense os traços exteriores do seu físico: pequeno, moreno e magro; mas, num físico insignificante, ressoava uma voz potente e brilhante, fulgia uma inteligência profundíssima e uma vontade de aço.

Com êstes dotes fêz o seu curso no Recife, licenciando-se em

Direito em 1884. Passou como fiscal a Viçosa, vendo-se obrigado a abandonar o cargo por não querer sujeitar-se aos manêjos ocultos do juiz: surge desta maneira o primeiro desengano administrativo. O presidente Caio Prado conhece-o e leva-o como secretário para Fortaleza, desempenhando o mesmo cargo sob o governo do General José Clarindo de Queiroz; mas, a queda violenta de êste, em 1892, acarretará consigo o grande desengano político. A morte do pai, o maior carinho da sua vida, teve lugar a 16 de Agosto de 1901, vindo a ser o terceiro e o maior desengano da sua vida, êste de ordem sentimental. Passa a Belém, no Estado do Pará, e a maneira de proceder, injusta e nécia, do positivista Gomes de Castro contra o infatigável pregador apostólico Júlio César de Moraes Carneiro, traz-lhe o desengano também à sua vida intelectual. A decisão do Governo, em 1909, de nomear para a Cadeira de Lógica do Colégio D. Pedro II, do Rio de Janeiro, a Euclides da Cunha, escolhido pelo júri e proposto como número 2 num concurso em que Farias Brito mereceu o 1.º lugar, será para êle o desengano da justiça humana. Sete anos mais tarde, quando a Academia lhe fecha as suas portas chegará o desengano na apreciação dos seus méritos. Tôda a sua vida foi assim, ano por ano, nos 55 anos que viveu, dor permanente de renúncias. Renúncia às comodidades materiais em favor da inteligência, encontrando apenas, como paga para cada sacrifício diário, a necessidade de novas renúncias.

A 17 de Fevereiro de 1892, depois de uma noite de combate sem tréguas e quando a luz da manhã começava a clarear sôbre treze cadáveres caídos nas ruas de Fortaleza, às 5 da madrugada, o General José Clarindo de Queiroz aceitava a ordem, que lhe dera Floriano, desde o Rio de Janeiro, destituindo-o do cargo de Governador do Estado do Ceará, e entregava o poder ao seu imediato, Tenente-Coronel Bezerril. A Raimundo de Farias Brito, que era seu secretário, esperava-o igual sorte. Andava êle então pelos 30 anos. Ao viver aquelas horas de san-

gue, toda a filosofia materialista de seus professores do Recife, e, em primeiro lugar, a do famoso Tobias Barreto, passava de teoria à prática, perante os olhos do futuro filósofo do Direito, de uma maneira palpável e real.

Não há decerto momento mais importante na elaboração conceitual dêste pensador, nem nada explica melhor a sua reação contra o positivismo e o materialismo, reinantes então no Brasil, como esta data de 17 de Fevereiro de 1892, pois foi neste momento que começou a compreender, senão uma nova filosofia, ao menos a necessidade de uma filosofia nova. Os factos não justificam as coisas, eis a lição aprendida naquele dia, em refutação de Tobias Barreto.

Para termos a prova desta afirmação, bastará ler as suas palavras, tiradas do artigo *O General José Clarindo*, publicado na *Revista do Norte*, uma semana depois dêstes acontecimentos: “Pelas ruas pessoas que olhavam ainda tomadas de terror; paredes feridas pelas balas; cadáveres sôbre as calçadas; soluços e imprecações. Na praça a estátua de Tibúrcio, que caíra de pé e que estava como que ainda a repelir a metralha e o canhão. E eu lembrei-me destas palavras de Brutus, na batalha de Philippos, o último dos republicanos de Roma, e veio-me à imaginação a figura soberana de Tobias Barreto, quando do alto da sua cadeira proclamava: “O direito é a fôrça”.

“Mas uma velha crença, cujas verdades fundamentais permanecem inalteráveis no fundo de tôdas as doutrinas, faz da sociedade e do mundo um resultado permanente da luta entre dois princípios que reinam sôbre o pensamento, a palavra e as ações, servindo de base a tôdas as operações da evolução universal, um que leva para a luz e outro que leva para as trevas. Da opposição entre êsses dois princípios eternos nascem, segundo o Avesta, o sêr e o não-sêr, o primeiro e o último, a vida e a morte. Um reflecte-se na consciência do justo e serve de inspiração ao trabalho que edifica, à poesia que renova, à caridade que consola. Outro reflecte-se na consciência do mau e pertur-

bando a serenidade inalterável do poema universal, cujas estrofes são feitas com mundos e cujas folhas são a imensidade do espaço, transforma-se em tirania que persegue, em despotismo que ameaça e em ódio que fulmina. E esta velha crença estabelecendo que é do conflito interminável que se agita entre êsses dois princípios eternos que resulta a harmonia universal, proclama que a justiça é a verdade”.

“O direito é a força, diz Tobias Barreto, em nome da ciência. O direito é a verdade, diz a tradição da humanidade, em nome do coração. De que lado está a razão? Apelamos para o tempo. Por enquanto é cedo ainda para julgar, porque o processo de formação do direito é muito mais lento do que se supõe” (1).

Nada mostra tão claramente o sentido total da obra de Farias Brito, como êste trecho que acabámos de transcrever. A impressão momentânea da tragédia faz despertar a sua vocação profunda de filósofo, que se metera a secretário de um político de ação. Os ais dos moribundos são badaladas que tocam a rebate no relógio da meditação; a morte de Guimarães, proclamando, entre os estertores da agonia, a convicção de ter cumprido o seu dever, é um excitante que o leva a construir uma doutrina desligada da fatalidade cega dos fatos.

Nesta doutrina, se bem atentarmos, aparece já, em embrião, o que mais tarde será elaboração filosófica desenvolvida em grossos volumes cheios de citações. Cremos não exagerar se afirmarmos que as diretrizes da especulação de Farias Brito se contêm virtualmente no texto que acabamos de ler.

Encontramos já nele o seu tema central: a insatisfação perante os sistemas positivistas e materialistas, condensada nas suas dúvidas acerca da doutrina que ouvira ao materialista Tobias Barreto nas aulas universitárias do Recife.

(1) JÓNATAS SERRANO, “Farias Brito. O homem e a obra”, São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1939, págs. 81-82.

Encontramos ainda o apêlo à antiga concepção persa do universo, que o considerava a modo de batalha entre dois princípios, o da luz e o das trevas, e chegando até êle desde as remotas praias asiáticas.

Deparar-se-nos-á igualmente a tese que equipara o bom com o luminoso, característica da sua concepção cosmológica, refletindo-se sôbre a consciência do bom e sôbre a consciência do mau, respectivamente, num jôgo de que resultará o equilíbrio alternado das coisas integrando-se no mundo.

Aqui ainda o sentimento da dúvida, a angustiosa busca da verdade com a sua ânsia de levantar problemas sem encontrar soluções, característica essencial daquele seu impulso em aspirar a uma verdade superior à empírica, mas sem subir até aos cimos da revelação.

Aquí aparece, finalmente, o seu apêlo ao tempo, a sua referência ao que virá depois, que, no fundo, não passa de grito de esperança, ânsia de buscar o absoluto galgando os degraus da sua penosa ascensão na escalada da sabedoria.

Com êste rápido bosquejo poderemos entender mais facilmente o que significa a filosofia de Farias Brito no mapa do pensamento brasileiro. Aquêle caudal que começara no cientismo renegador das abstrações racionalistas, aliciante da peregrinação naturalista do baiano Alexandre Rodrigues Ferreira, que via na escolástica dominante na segunda metade do séc. XVIII “uma árvore que mal tem raízes” (2), e que há-de continuar no futuro como reação não confessada contra o francesismo enciclopédico, de que foram expoente máximo as *Reflexões sôbre a vaidade dos homens* do paulista Matias Aires (3), sinal da cultura colonial da primeira metade da mesma centúria, que se tingira de kantismo com os argumentos manejados pelo Padre Diogo An-

(2) V. CORREIA FILHO, “Alexandre Rodrigues Ferreira. Viãa e obra do grande naturalista brasileiro”, São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1939, pág. 44.

(3) Editadas modernamente em São Paulo, Livraria Martins, 1942, com prólogo de Alceu de Amoroso Lima.

tônio Feijó, nos seus pontos de Lógica (4); ecleticismo no franciscano Francisco de Mont'Alverne; espiritualismo acanhado em Manuel Maria de Moraes e Vale; passagem do materialismo ao espiritualismo na evolução ideológica de Eduardo Ferreira França; condensação de máximas em Mariano José Pereira da Fonseca, Marquês de Maricá; intentos, com êxito muito desigual, de coordenar os transcendentalismos do idealismo alemão com o dogma católico nas soluções ontologistas de Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de Araguaia, do aspirante e renovador da escolástica Patrício Muniz e dos ensaios de adaptação rosminiana de Gregório Lipparoni, que originou, condensados em volta dum tomismo puro, os escritos doutrinários do Bispo do Pará, José Afonso de Moraes Torres, a abundante e apreciável produção, tanto histórica como teórica, de José Soriano de Sousa, e os trabalhos que no campo da psicologia compôs o Visconde de Saboia, Vicente Cândido Figueiredo de Saboia, que começa a correr em borbotões de alvoroço pelas calheiras positivistas em inúmeros pensadores: Francisco Antonio Brandão, Miguel Lemos, Raimundo Teixeira Mendes, Luiz Pereira Barreto, Antonio da Silva Jardim, Júlio de Castilhos, os irmãos Augusto e João Pernetá, David Carneiro e muitos outros que não é possível mencionar, enumerados por João Camilo de Oliveira Torres na sua história, tão bem documentada, de *O Positivismo no Brasil* (5), que desce ao materialismo com as genialidades imitadoras do hipergermanizado Tobias Barreto, é materialismo grosseiro no médico da Baía, Domingos Mendes Cabral, complica-se em sínteses revôltas no Visconde do Rio Grande, José de Araújo Ribeiro, é aglomerado de citações no *Curso de Lógica* de Vicente de Sousa; e vem a cair em inqualificável baixa de saber no culto e polifacético Sílvio Romero;

(4) Vide o excelente ensaio de MIGUEL REALE, "A doutrina de Kant no Brasil" São Paulo, 1949. No segundo ensaio, intitulado: A doutrina de Kant nos primórdios de nossa emancipação cultural.

(5) Petrópolis, Edit. Vozes, 1943.

transforma-se em monismo evolucionista nas mãos de Estelita Tapajoz, em seus quase lombrosianos *Ensinos de Filosofia e Ciência*; reveste-se de heckelianismo estreito com Fausto Cardoso e de spencerianismo com Clóvis Beviláqua; repete o historicismo alemão com Lafayette Rodrigues Pereira, etc., etc. (6)

Tal era o conjunto desordenado de teses, bem pouco originais de certo, que Farias Brito encontrou diante e em volta de si. Repetições e repetições de coisas européias, vozes faltas de originalidade, quando muito montões de erudição, esterilizando até engenhos tão brilhantes como o de um Tobias Barreto de Menezes; em resumo, muito pouco, quase nada.

No círculo mais imediato poder-se-iam distinguir duas zonas bem distintas: a positivista, com seu centro principal no Rio de Janeiro, que produziu a geração que trouxe militarmente a república, com repercussões em tôda a ambiência nacional, repercussões tanto filosóficas, como de índole religioso-científica; a zona do Recife, com tendências materialistas, se podemos falar de orientações claras naquilo que Carlos de Laet chamou garbosamente "Escola teuto-sergipana", com um Tobias e um Sílvio à procura, afanosamente, da novidade mais recente, saída dos prelos da Alemanha.

É contra estas duas direções que se levanta vigorosamente, em ímpeto animoso de filho do Ceará, a mente de Farias Brito. Não sabe ainda, com certeza, onde fincará os pés; mas a sua vida inteira é aventura do espírito, gasta em pruridos de originalidade e encaminhada para a superação das estreitas fronteiras que envolviam a terra brasileira. Não tem, pois, razão Sílvio Rabelo quando nos fala de uma aventura do espírito a fechar-se

(6) Para a maior parte destes autores e para a discussão de suas doutrinas, vejam-se os livros recentes do P. LEONEL FRANCA e de GUILHERME FRANCOVICH, citados nas notas 91-92, assim como o de CRUZ COSTA, que não conseguimos consultar. A história da filosofia brasileira mais antiga é a de SÍLVIO ROMERO, "A Filosofia no Brasil", Porto Alegre, Tipografia da "Deutsche Zeitung", 1873.

num fracasso e em nova desfilada de inúteis imitações (7), porque, na medida em que o pensamento corresponde a um povo, no meio da pobreza ideológica do Brasil de 1900, Raimundo de Farias Brito é o único cavaleiro da Dulcínea originalidade, se nem sempre alcançada, ao menos sempre pretendida, rigorosa e honradamente.

REPERCUSSÃO NO PENSAMENTO BRASILEIRO

Que influxo exerceu êste desêjo de originalidade e êste afã nobilíssimo de superação, a forma mais patriótica de um filósofo servir o seu povo, nas gentes do Brasil, a quem sempre quis servir Raimundo de Farias Brito?

Temos que distinguir e escalonar vários momentos: primeiro, os anos mesmos em que viveu, à margem da admiração e até da compreensão dos seus; segundo, a exaltação do seu nome três anos após a sua morte; terceiro, vinte anos de paulatino esquecimento, desde 1920 a 1939; quarto, a hora das polêmicas violentas entre os dois partidos da cultura brasileira e o princípio da calma meditação.

OS ANOS DA SUA VIDA: (1862-1917)

Do primeiro, que vai desde que, em 1889, imprimiu, no Rio de Janeiro, a sua coleção de poesias *Cantos Modernos* (8), até à sua morte, ocorrida na mesma cidade em 1917, pode afirmar-se, duma maneira geral, que o contacto de Farias Brito com a vida brasileira foi a do solitário caminhar por um deserto, cor-

(7) SÍLVIO RABELLO, *Farias Brito ou uma aventura do espírito*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1941.

(8) Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1889.

tado apenas, e muito raramente, por qualquer encontro breve com peregrina caravana. De fato, nem em Belém do Pará nem na capital, foi tida em justa consideração a sua obra; apenas aqui e acolá um elogio ocasional, quase de compromisso, como o que lhe consagrou o Catedrático da Faculdade de Direito do Pará, Dr. João Baptista de Vasconcelos Chaves, ao ler a memória regulamentar na sessão acadêmica de 8 de junho de 1907 (9). Palavras formulares apenas, sem nenhum valor real, como por experiência sabemos quantos nos dedicamos ao magistério quando, em ocasiões como esta, temos de proferir algum elogio a respeito de companheiros no ensino catedrático.

Era já Professor no Colégio de D. Pedro II e ainda a sua obra não conseguira chamar a atenção. Um parecer ponderado de Sílvio Romero ficou arquivado sem maior publicidade (10), e apenas, de onde em onde, um ou outro periodista, como José Veríssimo, lhe liga alguma atenção, louvando-o como “o mais conspícuo representante do possível renascimento da metafísica e dos estudos filosóficos em nossa pátria”, para, logo no parágrafo seguinte, o qualificar simplesmente de expositor e compilador de “filosofias alheias” (11); quando não é apenas simples comentário, muitas vezes sem a menor palavra de elogio, como acontece em diversas passagens, que lhe consagra a *Revista Ciências e Letras*, assinadas por Clóvis Beviláqua (12) e Pedro de Couto (13).

A sombra amiga de Jackson de Figueiredo é a única a percorrer os seus caminhos, podendo contar-se os que prestam aten-

(9) JOÃO B. DE VASCONCELOS CHAVES, *Memória histórica da Faculdade de Direito do Pará*, Pará, Tip. do Inst. Gentil Bittencourt, 1908, pág. 15.

(10) Reproduzida nas págs. 384-387 do tomo V da 4.^a ed. da *História da literatura brasileira* de SÍLVIO ROMERO, Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1949.

(11) J. VERÍSSIMO, *Filosofia*, em “O Imparcial” (11 de Abril de 1914).

(12) CLÓVIS BEVILÁQUA, *Um espiritualista brasileiro*, em “*Ciências e Letras*”, Rio de Janeiro (Agosto de 1914) págs. 193-195.

(13) PEDRO DE COUTO, *O mundo interior* (Farias Brito), em “*Ciências e Letras*” (Agosto de 1914) págs. 101-103.

ção às suas palavras. Serão êstes poucos fiéis amigos que levantarão a sua fama, depois da sua morte, apesar das suas vozes ecoarem muito tênueamente no âmbito nacional.

Tão evidente é o vácuo produzido em volta de Farias Brito, que até êle chega a ter consciência do seu fracasso. Poucas coisas lemos tão desoladoramente tristes como a carta que enviou a Jackson de Figueiredo e que foi publicada no jornal *O Paiz*, a 12 de Novembro de 1915. Transcrevemos para aquí alguns parágrafos, pois a expressão do seu conteúdo falará muito mais que qualquer comentário nosso.

Assim começa a carta: "já atravessei mais dum quarto de século, esforçando-me quase ininterruptamente, quanto em minhas fôrças cabia, por examinar umas tantas questões e desenvolver umas tantas idéias que têm, até aqui, constituído o objeto particular de minhas cogitações, e vou chegando quase ao fim de minha obra, e ainda não consegui fazer, que eu saiba, um só discípulo, a não ser alguns íntimos, que não, pretendem, por modo algum, tornar-se conhecidos do público" (14). Se teve louvores, não lhe aceitaram contudo as suas idéias. "Bem compreendo, acrescenta, de que natureza foi o sentimento que tiveram para comigo. Não foi certamente o de admiração e solidariedade: mas, provavelmente, o da simples curiosidade. Acharam-me talvez curioso, aplaudiram-me; mas apenas como quem aplaude um obscuro artista que representa o seu pequeno papel na comédia" (15). E continuará tristemente, sem se poupar ao martírio de rasgar a ferida com suas próprias mãos: "entenderam que era necessário conceder-me um pequeno lugar no banquete dos que vencem. Viram-me, além disto, isolado e triste; quiseram consolar-me no meu isolamento e na minha tristeza. Interessaram-se por mim; mas, sem dúvida, movidos unicamente pelo

(14) A carta foi reproduzida por JACKSON DE FIGUEIREDO nas págs. 209-226 de seu livro *Algumas reflexões sôbre a filosofia de Farias Brito*, Rio, Tip. "Revista dos Tribunais", 1916. O texto citado vem na pág. 213.

(15) *Ibid.*, pág. 214.

abandôno em que me viam. Vieram ao meu encontro, mas como quem se propõe socorrer um náufrago que se afunda” (16).

Mas êle pretendia mais. Buscava repercussões na multidão, queria que os homens vissem nos seus livros um grito de guerra em prol da verdade, verdade que identificou sempre com a justiça. “Enganei-me, porém, quando imaginei que poderia exercer qualquer influência sôbre a multidão. Perdi-me no seu seio, confundi-me com ela; mas sem me destacar, em coisa alguma e sob qualquer pretexto, da massa comum. Ou antes, atravesssei a multidão: mas apenas como uma sombra que ninguém percebe; estive com ela em contacto, mas como um estrangeiro que nada consegue transmitir do que sente e deseja, por falar em uma língua que ninguém conhece, e que apenas se expõe ao rídículo, ou ao desprezo” (17).

A juventude é quem menos o escuta (18). Jackson é a sua única esperança, esperança que não será nunca realidade aos olhos da sua carne. Até 1915 é um fracassado, que não conseguiu realizar os seus sonhos, apesar de ter sacrificado no altar, onde as adorceu, as melhores energias e até mesmo tôdas as suas possibilidades materiais.

Só Jackson o acolhe, não para o seguir cegamente, mas para completar o processo que em seu peito evoluia, para caminhar até ao fim pelos caminhos da busca de Deus. As páginas do livro *Algumas Reflexões sôbre a Filosofia de Farias Brito* são, por isso mesmo, uma profissão de fé espiritualista; mas excedem já às teses do filósofo que comentamos. Enquanto Farias Brito se limita a negar o positivismo empírico e o materialismo barretiano em nome da razão, mas sem a ultrapassar, deduzindo a existência do espírito e de Deus dentro do mais puro dos racionalismos, Jackson de Figueiredo levanta-se acima da razão, fazendo dela apenas trampolim para saltar das

(16) *Ibid.*, pág. 214.

(17) *Ibid.*, pág. 216.

(18) *Ibid.*, págs. 216-217.

negruras do positivismo aos cimos luminosos da fé. Não há maior paradoxo para o mestre que aquêle tertulianesco "credo quia absurdum" de seu único discípulo (19). A não ser que queiramos ver nos passos do discípulo um sobrepujar o mestre por caminhos que êste não chegou a transitar, simplesmente porque a morte veio pôr termo à sua carreira terrena.

Em seu leito de morte, soube que Roberto Paterson acabava de publicar, na Argentina, referências em que o seu nome era muito elogiado, juntamente com o de Jackson (20). Foi talvez a única consolação autêntica, se excetuarmos a amizade que lhe consagrava Jackson. Morreu, contudo, cheio de amargura, de soledade e do constante esquecimento que lhe transformara da maneira mais desabrida os nervos, como consta pelo furiosíssimo *Pamphleto* (21). Raimundo de Farias Brito viveu como solitário no meio do Brasil.

ÉPOCA DOIRADA: (1917-1919)

Com a morte abre-se-lhe nova época. Enquanto os restos mortais de Farias Brito jaziam no cemitério de São Francisco Xavier, na cidade do Rio de Janeiro, os seus amigos empreendem a publicação de uma Revista, *Brazílea*, sob o signo do filósofo que acabara de falecer.

O ano de 1917 é o ano de ouro para Farias Brito, de acôrdo com a conhecida incosequência do gênio latino, que faz do dia da morte a hora do triunfo.

Começa, precisamente então, a valorizar-se a sua obra.

(19) *Ibid.*, págs. 191-192, 207-208.

(20) PATER (ROBERTO PATERSON), *Dos filósofos brasilenos*, Rio de Janeiro "Revista dos Tribunais", 1917.

(21) MARCOS JOSÉ, *O Pamphleto. Para começar: Homens de letras, jornalistas, políticos. Ligeira excursão em tôrno de algumas das nossas exterioridades mundanas e ultramundanas*, s. 1., nov. de 1916.

Rocha Pombo principia a tarefa mitificadora, qualificando-o de ermitão escondido no deserto da sua soledade (22). O grupo de *Brazília* não deixa passar um número, dos quinze que integram a coleção da Revista, sem alguma comemoração amiga, chegando ao ponto de inscrever o seu nome no parágrafo 5.º do seu programa de estudo e de ação cultural, e tomando como obrigação o estreitar a federação política e espiritual, divulgando a obra eminentemente pura e piedosamente humanista do maior pensador brasileiro, o insigne filósofo Raimundo de Farias Brito” (23).

Nas colunas de *Brazílea* transcrevem-se os elogios de Roberto Paterson (24), reproduzem-se textos do mestre, apresentam-no como o maior pensador pátrio (25), retificam-se pontos da sua maneira de ver (26); Paulo Araújo põe-no em paralelo com Euclides da Cunha (27), Alexandre Correia declara-o como o único valor filosófico do Brasil (28), Abel Botelho chama-o “colosso” (29), Manuel Galisto põe em relevo os méritos da sua vocação estudiosa (30), Alberto de Oliveira faz o paralelo

(22) ROCHA POMBO, Farias Brito, Escrito na ocasião da sua morte e reproduzido em “Letras” Brasileiras”, Rio (set. dt 1943).

(23) *Brazílea*, ano I, n.º 10 (out. de 1917), pág. 482. O mesmo no ano II, nos. 13-14 (jan- fev. de 1918), pág. 4.

(24) *Ibid.*, ano I, nos. 3-4 (março-abril de 1917), págs. 115-119, 157-162.

(25) *Ibid.*, ano I, n.º 1 (fev. de 1917), pág. 45.

(26) Sobre suas relações com F. Pacheco e as invectivas de O Panfleto, vide JACKSON DE FIGUEIREDO, Sobre Félix Pacheco e o “Panfleto” de Farias Brito, em “*Brazílea*”, n.º 4 (abril de 1917), págs. 166-174. Cfr. também o n.º 9 (set. de 1917), págs. 453-454, e o n.º 7 (julho de 1917), pág. 360.

(27) PAULO ARAÚJO, Farias Brito, em “*Brazílea*”, n.º 6 (junho de 1917), págs. 243-247.

(28) ALEXANDRE CORREA, Farias Brito e o nosso meio, em “*Brazílea*”, n.º 6 (junho de 1917) págs. 263-265.

(29) Em carta a Jackson de Figueiredo, datada de Buenos Aires a 19 de janeiro de 1917, e reproduzida no n.º 6 de “*Brazílea*”, pág. 266.

(30) MANUEL GALISTO. Brésil. Farias Brito, em “*La Vie*”, ano VI, n.º 5 dia 25 de Maio de 1917, arquivado em “*Brazílea*”, n.º 11 (nov. de 1917) págs. 535-540.

entre a bondade do seu coração e a sua grandeza intelectual (31), abre-se caminho ao discurso elogioso do deputado Justiniano de Serpa (32), Mário de Alencar fala-nos da fecundidade do seu talento (33), Dias de Barros chama-lhe mestre eminente (34), Alberto Torres abrilhará mais ainda o fulgor da sua estrela (35). A obra tãda de Raimundo de Farias Brito adquirirá novo valor para aquêlê grupo de entusiastas que se propuseram — conquistando para o seu lema argentinos e portugueses — tomar o seu nome como bandeira para a renovação do Brasil.

Os elogios passarão a outras secções da imprensa e nomeadamente José Oiticica, no *A Manhã* (36), e Oliveira Lima, em *O Estado de S. Paulo* (37), divulgarão fèbrilmente o seu entusiasmo. Xavier Marques virá a fazer as mesmas afirmações que o argentino Paterson (38) e mais ao norte, em terras longínquas do Pará, que assistiram aos anos de trabalho mais fecundo de sua vida, um livro recolherá num *In Memoriam* (39), discursos e poesias, estudos ardentes como o consagrado ao estudo da

(31) Datada do Rio de Janeiro a 18 de Janeiro de 1917 e arquivada no n.º 10 (out. de 1910) pág. 483.

(32) É o discurso de Justiniano de Serpa na Câmara dos Deputados, feito no dia 25 de Maio de 1917, arquivado em (*Brazílea*”, n.º 11 (nov. de 1917) págs. 535-540.

(33) Em carta a Nestor Vitor, datada do Rio a 9 de outubro de 1917, e reproduzida no n.º 11 (nov. de 1917) págs. 541-542.

(34) Carta de Dias de Barros ao mesmo Farias Brito, escrita em Janeiro de 1916, transcrita nos nos. 13-14 (jan-fev. de 1918) págs. 47.

(35) Carta de Alberto Torres a Farias Brito, com data de 25 de Março de 1914, e transcrita nos nos. 13-14. págs. 47-48.

(36) JOSÉ OITICICA, *Crônica Literária*, em “A Manhã” (16 de Nov. de 1917).

(37) OLIVEIRA LIMA, *Um filósofo brasileiro*, artigo para “O Estado de São Paulo”, e reproduzido na pág. 89 de “Autores e Livros”, suplemento literário de “A Manhã” (13 de Agosto de 1944).

(38) XAVIER MARQUES, *Dois filósofos brasileiros*, em “Letras Acadêmicas”, Rio, Renascença editora, 1933, págs. 101-119.

(39) *In memoriam*. Página paraense em homenagem à memória de Farias Brito, a ser distribuída por ocasião da festa que lhe promoveu a sociedade paraense, sob os auspícios do Exmo. Snr. Dr. Lauro Sodré, emiente governador do Estado, Pará, Tip. do Instituto Lauro Sodré, 1917.

ética britiana, de Remígio Fernandez (40), ou apertações para a história da sua ideologia, como a de Luiz Barreiros (41), primeiro ensaio de fria apreciação crítica da obra do grande pensador cearense.

Nesta floresta de comentários, tocada apenas ao de leve nas alusões dispersas a que acabamos de referir-nos, vincam-se nitidamente duas tendências. De um lado a consagrada ao estudo refletido e sistemático da obra de Farias Brito; do outro, a que procura limar os seus possíveis roces com a especulação cristã, com o fim de a transformar em grito de combate, em reação intelectual e política. Confundem-se por vezes nos livros; mas as duas direções, científica e polêmica, ficam firmemente vincadas, ainda que se misturem na redação dos escritos.

Típicamente político é o comentário, que Jackson de Figueiredo fez publicar em *Brazílea*, à carta pastoral do Arcebispo de Olinda, D. Sebastião Leme, em Fevereiro de 1917, quando ainda as cinzas do pensador estavam quentes; a condenação do positivismo, que, na pastoral faz o Arcebispo, não passa de simples reprodução do que sustentou Farias Brito durante 20 anos (42). A coincidência do Prelado com o filósofo fará dêste o pensador cristão, que vai à frente no movimento preconizado por Jackson de Figueiredo.

É também típicamente política a interpretação de Álvaro Bomilcar, em seu livro *A Política no Brasil e o nacionalismo radical*. Para Bomilcar, o moralismo, ponto culminante da filosofia de Farias Brito, é uma filosofia com conseqüências políticas: filo-

(40) REMÍGIO FERNANDES, A base da Moral em Farias Brito, em "In Memoriam", págs. 33-51.

(41) LUÍS BARREIROS, Farias Brito (Excerptos de uma polêmica), em "In Memoriam", págs. 78-79.

(42) JACKSON DE FIGUEIREDO, Bibliografia. Carta pastoral de dom Sebastião Leme, arcebispo metropolitano de Olinda, em "Brazílea" n.º 2 (fev. de 1917) págs. 79-82.

sofia que trará consigo a salvação nacionalista do Brasil (43).

Da segunda classe de obras, de caráter estritamente científico, poderemos citar três livros e um folheto. O primeiro é a tese de concurso, apresentada por José Sombra, para provisão de uma cátedra na Faculdade de Direito de Fortaleza, em 1917 (44), valioso trabalho onde qualifica a filosofia de seu contemporâneo de espiritualismo cristão. Segue-se-lhe o folheto com a conferência pronunciada no Rio de Janeiro, em 1920, por Carlos da Veiga Lima (45), onde, com justeza, assinala as diferenças existentes entre o moralismo personalista de Farias Brito e o moralismo ativista de Bergson. Por último, a interpretação original de Albino Monteiro, que acumula argumentos para demonstrar que a teoria da luz, como entidade divina, é idêntica à dos mestres do teosofismo (46).

Síntese de ambas estas tendências, teórica e política, são os três livros fundamentais deste período: *Farias Brito*, de Nestor Vítor, impresso em 1917, *Farias Brito e a Reação Espiritualista*, publicado por Almeida Magalhães, em 1918, e *A Questão Social na Filosofia de Farias Brito*, que Jackson de Figueiredo fez aparecer em 1919. Cada uma destas obras mereceria longo e pormenorizado comentário; mas temos de limitar-nos a breves considerações.

Farias Brito, de Nestor Vítor, constitui o primeiro ensaio de valor (47) na busca de uma sistemática para a complexa

(43) A. BOMILCAR, A política do Brasil ou o nacionalismo radical. Ensaio de crítica social e histórica, Rio, Leite Ribeiro & Murillo, 1920, págs. 108-120.

(44) JOSÉ SOMBRA, A ideia do Direito na Filosofia de Farias Brito, Ceará, Fortaleza, Tip. Minerva, 1917.

(45) C. DE VEIGA LIMA, Farias Brito e o movimento filosófico contemporâneo, Rio, Tip. Jornal do Comércio, 1920.

(46) ALBINO MONTEIRO, Farias Brito à luz da Teosofia. Pontos de contacto entre a teosofia e a filosofia de Farias Brito, Departamento de Propaganda da secção Brasileira de S. T., Rio, 1922. Trata-se de 4 conferências lidas na Sociedade Teosófica do Rio de Janeiro.

(47) NESTOR VÍTOR, Farias Brito, Revista dos Tribunais, 1917.

estrutura de uma produção baseada em diálogos críticos com as grandes figuras da filosofia da idade moderna; mas com a intenção, como é natural, de fazer dessa filosofia a filosofia de que necessita o povo brasileiro, como povo diferenciado e individual (48).

Farias Brito, de Almeida Magalhães (49), é muito mais dinâmico e combativo, sendo talvez o melhor estudo composto até o presente sobre a grande figura do filósofo. O que Farias Brito supõe na marcha da cultura brasileira está ali perfeitamente claro. Nada mais documentado, nada mais agudo que esta obra.

Farias Brito, de Jackson de Figueiredo (50), confina-se a um tema mais simples, às derivações políticas do espírito britânico, mas é o mais bem intencionado senão o mais profundo dos três, terminando com um novo intento de aproximar Farias Brito dos dogmas mais importantes do cristianismo e, sobretudo, das conclusões da política social cristã.

Êstes três trabalhos constituem o ponto culminante do grande movimento dos anos de 1917 a 1920.

ESQUECIMENTO PROGRESSIVO: (1920-1938)

A partir de 1920, começa a decair o entusiasmo, mantido apenas aqui e acolá, nalguns centros mais fiéis, e numa ou outra referência solta. Sem termos a pretensão de ser exaustivos, parece-nos, no entanto, que se podem tomar como marcos miliários essas referências. Apesar de tôda a nossa diligência, coadjuvada magnificamente pelo arsenal de Rui de Arruda, só

(48) *Ibid.*, págs. 65-66.

(49) ALMEIDA MAGALHÃES, *Farias Brito e a Reação Espiritualista*, Rio, Revista dos Tribunais, 1918.

(50) JACKSON DE FIGUEIREDO, *A questão social da filosofia de Farias Brito*, Rio, Revista dos Tribunais, 1918.

conseguimos formar lista sumária de todo êsse movimento, havendo anos completos sem referência alguma: vinte anos de silêncio, verdadeiro Guadiana na história dos ecos britanos no Brasil.

Apontaremos alguns nomes que nos parecem mais interessantes: Jackson de Figueiredo (51), Tasso da Silveira (52) e Almáquio Diniz (53) em 1922, êste último, por certo com bem pouca consideração e estima para com o filósofo. Perillo Gomes (54) e Ataliba Nogueira (55), em 1923, quando êste era ainda estudante. Nestor Vítor (56), Vicente Licínio Cardoso (57) e Jónatas Serrano (58), em 1924. No ano de 1927, dez anos passados sôbre a sua morte, encontramos apenas uma nota comemorativa na Revista *A Ordem* (59), que Jackson fundara, e um estudo sôbre a estética britana, devido à pena de Alceu de Amaro Lima (60). O livro de Hamilton Nogueira sôbre *Jackson de Figueiredo* (61), consagra-lhe algumas considerações indire-

(51) JACKSON DE FIGUEIREDO, Pascal e a inquietação moderna, Rio, Tip. di Anuário do Brasil, 1922, págs. 13, 20, 27, 28, 31, 33, 40, 171, 184; 185; 190.

(52) TASSO DA SILVEIRA, A Igreja silenciosa. Ensaio, Rio, Anuário do Brasil, 1922, págs. 163-166, 189.

(53) ALMAQUIO DINIZ, Meus ódios e meus afetos, São Paulo, Monteiro Lobato, 1922, págs. 73-79.

(54) PERILLO GOMES, Ensaio de crítica doutrinária, Rio, Anuário do Brasil, 1923, págs. 150-154.

(55) ATALIBA NOGUEIRA, A filosofia e o estudo do Direito, em "Onze de Agosto", revista do Centro Acadêmico "Onze de Agosto" da Faculdade de Direito de São Paulo, ano 49, ag. de 1923, págs. 61-62.

(56) NESTOR VÍTOR, Cartas à gente nova, Rio, Anuário do Brasil, 1924, págs. 85-91-177-183.

(57) V. LICÍNIO CARDOSO, Figuras e conceitos, Rio, Anuário do Brasil, 1924, pág. 120.

(58) JÓNATAS SERRANO, Júlio Maria, Rio, Anuário do Brasil, 1924, págs. 65-67.

(59) A Ordem Rio, ano VI, n.º 54 (abril-junho de 1927) pág. 143.

(60) TRISTÃO DE ATHAYDE, Estudos. Primeira série, 2.ª ed., Rio, Ed. de "A Ordem", 1929, págs. 354-369.

(61) HAMILTON NOGUEIRA, Jackson de Figueiredo, o doutrinário católico, Rio, Anuário do Brasil, 1925, págs. 5-7, 149-150.

tas em 1928. De 1930 tivemos apenas conhecimento de artigo de Álvaro Bomilcar nos diários de Fortaleza (62) e de um grito de alerta de Almeida Magalhães, pedindo a reedição de suas obras (63), grito que encontrou em volta de si o mais profundo silêncio. Em 1931, apareceu um estudo breve e superficial de Henrique Geenen (64), onde êste o compara com o argentino José Ingenieros. Para 1932, encontramos uma referência de Cândido Motta Filho (65), mais literária que filosófica. Para 1934, um discurso de Djacir Menezes, feito a 23 de Fevereiro na cidade de Fortaleza (66). O ano de 1935 trouxe-nos um artigo em *Jornal do Brasil* (67), e um trabalho de Arnaldo Damasceno Vieira (68). Jônatas Serrano comemorou sua lembrança a 23 de Fevereiro de 1937 (69), além do breve mas arguto ensaio do Padre Helder Câmara, comparando-o a Bento Spinoza (70). Para terminar estas breves notas citaremos um artigo de Cruz Costa, de 1938, onde afirma que "Farias Brito nada conseguiu, nada realizou... a sua influência foi nula e a sua lembrança perdeu-se" (71).

Palavras idênticas às que fizeram sofrer tanto a Farias Brito, como êle mesmo exprime em carta de 1915 a Jackson,

(62) A. BOMILCAR, Farias Brito, em "Gazeta de Notícias" de Fortaleza (18 de jan. de 1930).

(63) ALMEIDA MAGALHÃES, É preciso reeditar Farias Brito, em "As Novidades literárias, artísticas e científicas", Rio, 1 de Julho de 1930. págs. 1-2.

(64) H. GEENEN. Dois filósofos sul-americanos: Raimundo de Farias Brito e José Ingenieros, São Paulo, Tip. do Globo, 1931.

(65) MOTTA FILHO, O romantismo. Introdução ao estudo do pensamento nacional, São Paulo, Ed. Política, 1923, págs. 295-302.

(66) Cfr. "Gazeta de Notícias" de Fortaleza (27 de Fev. de 1934).

(67) J. M., Farias Brito, em "Jornal do Brasil" (17 de jan. de 1935).

(68) A. DAMASCENO VIEIRA, Imortalidade, Rio, Schmidt ed., s/d., págs. 239-242.

(69) Cfr. "Jornal do Brasil" (24 de fev. de 1937).

(70) P. HELDER CAMARA, Spinoza e Farias Brito, em "Panorama. Coletânea do pensamento novo", ano II, 2.^a série, n.º 13, São Paulo, 1937, págs. 5-11.

(71) J. CRUZ COSTA, Farias Brito, em "O Estado de São Paulo" (26 de jan. de 1938).

a que já antes nos referimos. Quando Cruz Costa sentencia, em 1938, o fracasso do único filósofo que o Brasil produziu, e se refere ao desdém com que o ambiente intelectual da sua pátria o acolheu, dá-nos o final do processo de progressivo esquecimento que caracteriza esta última parte que estamos descrevendo.

POLÊMICA E SERENIDADE: (1939)

Como se os acontecimentos quisessem desmentir as conclusões de Cruz Costa, o ano de 1939 assiste precisamente a um reflorescimento dos estudos britânicos, como não se conhecera igual há vinte anos atrás.

Inicia-se a biografia de Jônatas Serrano (72), modelo, no gênero, estudo documentadíssimo na sua parte narrativa e cheio de observações críticas de fino sabor.

Na última de suas páginas anuncia-se já a tarefa fervorosa dos que, em redor do lar espiritual constituído em S. Paulo por Rui Arruda e Tasso da Silveira, pretendem reavivar o rescaldo quase apagado da exaltação do filósofo caboclo. Em cada um dos *Cadernos da hora presente* será lembrado Farias Brito, com carinho. Alí voltará a insistir Almeida Magalhães na necessidade de reeditar as obras do mestre, tal como há 10 anos atrás, mas agora com repercussões que antes não teve (73); alí verão a luz novas cartas inéditas referentes ao filósofo (74); alí Plínio Salgado porá ao serviço de Farias Brito a graça inconfundível da sua magia literária (75); alí, se reeditarão trechos que não suportam o esquecimento (76), ou se reproduzirão comentários da

(72) JÓNATAS SERRANO, Farias Brito, citado na nota 1.

(73) *Cadernos da hora presente*, I (maio, 1939, págs. 57-68).

(74) *Ibid.*, II (jun., 1939) págs. 160-161.

(75) *Ibid.*, IV (set., 1939) págs. 181-192.

(76) *Ibid.*, VI (jan., 1940) págs. 51-57.

imprensa (77); ali, enfim, cada palavra ou cada idéia britiana vibrará com aquêlê cálido deslumbramento que prendia os corações nos dias da publicação de *Brazílea*.

Chovem os comentários, já na imprensa (78), já agrupando-se aos apêndices do livro de Jônatas Serrano (79), como coroa fúnebre com votos de ilusões e esperanças.

Começam a aparecer estudos monográficos, estudando diversos aspectos da sua obra. Analisam-no como filósofo, em estudos vários, Edmundo Luís (80), Luís Gonzaga Monnerat (81), Álvaro Bomílcar (82), Geraldo de Carvalho (83), Padre Artidório Aniceto de Lima (84); J. de Castro Nery estuda o seu pensamento político num magnífico trabalho (85); Hermann

(77) *Ibid.*, VIII(junho, 1940) págs. 5-6, reproduzindo um artigo de H. Vale, na "Folha da Noite" de Belém (20 de jan. de 1917).

(78) Alguns comentários da imprensa: LUÍS DE CAMARA CASCUDO, Sôbre a reedição das obras de Farias Brito, em "A República" (17 de set. de 1939); GILBERTO FREIRE, Pela segunda vez: Farias Brito, em "O Correio da Manhã" (29 de out. de 1940); A. NOGUEIRA, Farias Brito, o filósofo, em "Dom Casmurro", Rio (16 de nov. de 1940) pág. 2; J. DE ALENCAR, Farias Brito, em "Jornal da Manhã", São Paulo (11 de set. de 1940); DANIEL S. SANTOS, Vida literária. Farias Brito, em "Correio da Tarde", Araraquara (23 de jan. de 1941); Farias Brito, em "A Defesa", Campinas (1 de março de 1941), etc., eac.

(79) Opinião sôbre Farias Brito, de Graco Cardoso, A. Damasceno Vieira, Cruz Abreu, Pedro do Couto e A. J. Pereira da Silva, em JÔNATAS SERRANO, Farias Brito, págs. 306-312.

(80) EDMUNDO LUÍS, Farias Brito, Vida, alma e pensamento, Porto Alegre, ed. "A Nação", 1941.

(81) L. GONZAGA MONNERAT, Farias Brito e a sua Concepção metafísica, em "Tradição", "Rev. de Cultura", Pernambuco IV (julho de 1941) págs. 180-184.

(82) A. BOMÍLCAR, Farias Brito e a filosofia do espírito, em "Jornal do Comércio", Rio (20 de julho de 1941).

(83) G. DE CARVALHO SILOS, A escola de Recife em face da reação espiritualista, em "Arcádia" (agosto de 1941) págs. 56-65.

(84) A. ANICETO DE LIMA, A reciprocidade do influxo causal entre o espírito e a matéria na filosofia de Farias Brito, Curitiba 1944.

(85) J. DE CASTRO NERY, Farias Brito como político, antes dos seus primeiros livros filosóficos, em "Política", São Paulo (ag. de 1944) págs. 61-72; (set. de 1944) págs. 59-70; (jan. de 1945) págs. 11, 12.

Deutscher põe em evidência o seu pensamento jurídico (86); o mesmo Padre J. de Castro Nery valoriza o seu estro poético com um outro trabalho de grande valor (87); Álvaro Bomílcar (88), Francisco de Assis Barbosa (89), e João César (90), acumulam pormenores sôbre a sua biografia. Até mesmo as histórias gerais da filosofia, como as do Padre Leonel Franca (91) Guilherme Francovich (92), e Ramón Insúa Rodríguez (93), e de Henríquez Ureña (94) tecem louvores ao seu mérito, e mesmo em Portugal Fernando de Aguiar (95) exalta o seu merecimento.

Presidia a tôdas estas alusões e outras análogas (96), um grande critério de simpatia, que encontra a sua expressão mais simbólica nas palavras do Padre Leonel Franca, exultando de

(86) HERMANN DEUTSCHER, O pensamento jurídico de Farias Brito, em "Correio da Manhã" (24 de ag. de 1941).

(87) J. CASTRO NERY, As poesias de Farias Brito tinham importância filosófica? em "Revista da Academia Paulista de Letras" (março de 1941 págs. 1-5).

(88) A. BOMÍLCAR, Aspectos da vida de um filósofo. Farias Brito na intimidade, em "Arcádia", (junho de 1945) págs. 49-53.

(89) FRANC. DE ASSIS BARBOSA, Retrato de família, em "Correio da Manhã", Rio (28 de nov. de 1944).

(90) JOÃO CÉSAR, Raimundo de Farias Brito (Pequena Biografia), Fortaleza, Departamento estadual de imprensa e propaganda, 1947.

(91) L. FRANCA, S. J., Noções de história da filosofia, 9.^a ed., São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1945, págs. 498-521.

(92) GUILHERME FRANCOVICH, Filósofos brasilenos, Buenos Aires, Losada, 1943, págs. 78-95.

(93) R. INSUA RODRÍGUEZ, Historia de la filosofia en Hispanoamérica, Guayaquil, 1945, págs. 192-194.

(94) P. HENRIQUES URENA, Literary currents in Hispanic America, Cambridge, Harvard University Press, 1949, pág. 181.

(95) F. DE AGUIAR, Na agonia do despotismo, Lisboa, Prò Domo, 1945, págs. 150-153.

(96) Sobressai o grupo de excelentes estudos reunidos no número extraordinário do "Correio da Manhã" (13 de agosto de 1944).

alegria ao encetar a análise do pensamento do grande cearense (97).

Mas surge em frente, com acrimônia paralela a êste sentimento de admiração, a oposição violenta dos que vêem em Farias Brito um pedestal espiritualista para a restauração do sentido católico no Brasil. Cruz Costa (98), Luís Washington (99), e Gilberto Freire apresentam-nos um Farias Brito oscilante no seu pensamento, carecendo de originalidade criadora, partidário de um eticismo absurdo e materialista, repetidor de idéias alheias, melancólico e obscuro, com afirmações nascidas de um complexo de ressentimento contra a sociedade, que não fizera dele o menor caso e que o deixava passar como extravagante colecionador de frases ôcas e vazias.

O ponto culminante desta tendência hostil dá-no-lo o livro que Sílvio Rabello lhe consagrou em 1941 (100), onde apoda todo o seu labor, por superar o positivismo, de aventura do espírito absolutamente fracassada, de encaixe feito de ousadias, manchado de cópias, falta de sentido. A sua intenção polêmica é manifesta. Sílvio Rabello diz escrever contra “um mito nacional”, com o fim de evitar que continui o encantamento em volta do caboclo, metido em andanças especulativas. Aproveitando com habilidade um ou outro ponto fraco deixado por Luís Delgado (101), chega a conclusões verdadeiramente desoladoras: nem é filósofo, nem tocado do ar brasileiro. Para Rabello, a leitura de Farias Brito é lamentável perda de tempo.

(97) “É com verdadeiro prazer que iniciamos esse breve estudo sobre o mais original dos nossos pensadores”. *Noções de história da filosofia*, pág. 488.

(98) CRUZ COSTA, *Uma aventura do espírito*, em “Folha da Manhã”, São Paulo, (19 de nov. de 1941); *Da fantasia sem proveito*, *ibid.* (21 de fev. de 1942).

(99) LUÍS WASHINGTON, *Farias Brito — um filósofo inédito*, em “Jornal da Manhã” (1 de junho de 1941); *O perfil filosófico*, em “Folha da Manhã” (20 de maio de 1944).

(100) S. RABELLO, *op. cit.* nota 7.

(101) Nos artigos que com o título de *Notas avulsas* publicou LUÍS DELGADO, no “Jornal do Comércio” do Recife (21, 22 e 23 de fev. de 1940).

A intelectualidade católica perdeu o seu paladino e precursor, a darmos ouvidos a êste feroz propugnador de críticas sangrentas.

A reação, suscitada por êste livro brutal de Sílvio Rabello, foi incisiva. Jônatas Serrano (102), Sousa Filho (103), Álvaro Lins (104) e Tasso da Silveira (105), a velha guarda britiana e a compreensão serena deram-se as mãos na negação desta posição negativa contra Farias Brito. O mesmo excesso da crítica favorecia a reação imediata e defensiva.

Compreensão de Farias Brito, primeiro volume de uma série, desgraçadamente não continuada por seu autor, Fernando de Oliveira Mota (106), constitui o zénite da reação contra o violento ataque de Sílvio Rabello. A ponderação na análise, a clareza no juízo, a justeza nos conceitos, a serenidade na argumentação fazem deste pequeno como excelente livro um modelo no gênero monográfico. Quando, no final do livro, deduz que Farias Brito foi um filósofo (107), o leitor concorda plenamente com as conclusões de Oliveira Mota.

O livro de Oliveira Mota, a que se juntaram os apelos mediadores de Sousa Filho e de Álvaro Lins, encontrou eco e atingiu plenamente o seu fim. Com grande e modelar independência de juízo e agudeza de idéias, Fernando de Azevedo consagrou ao gênio de Farias Brito, em sua volumosa síntese de *A Cultura Brasileira*, um dos resumos mais densos que se poderiam fazer

(102) J. SERRANO, Voltando páginas, em "Vozes de Petrópolis" (dez. de 1941) págs. 920-927; Atualidade de Farias Brito, na própria revista (abril de 1942) págs. 248-251.

(103) SOUSA FILHO, Livros e Autores. Uma aventura do espírito, em "Gazeta-Magazine" (30 de nov. de 1941).

(104) ALVARO LINS, Posição de Farias Brito, em "Jornal da Manhã" Rio (8 de nov. de 1941).

(105) TASSO DA SILVEIRA, Compreensão de Farias Brito, em "A Manhã", Rio (28 de fev. de 1945).

(106) F. DE OLIVEIRA MOTA, Compreensão de Farias Brito, Recife, 1943.

(107) Ibid., pág. 134.

no curto espaço de 30 linhas (108), escrevendo-o com mão segura de grande historiador. Por tôda a parte a obra criadora e crítica do caboclo foi subindo, degrau por degrau, as escadas da meditação imparcial com que sempre devia ter sido lida (109).

CONCLUSÃO

Esta exposição, já demasiadamente extensa, das repercussões que a filosofia de Farias Brito teve no Brasil, permite-nos agora concretizar algumas conclusões, por onde se possa aquilatar o alcance de suas aporlações ao aspeto cultural da sua pátria.

Seja a primeira a contradição curiosa que se dá entre o conteúdo de uma filosofia desenraizada do aspecto histórico em que nasce e o signo histórico de luta que corresponde a essa filosofia na realidade do Brasil. Sem atender ao que estava perto, com seu característico desapêgo das coisas vizinhas, Farias Brito viria a negar a eficácia filosófica dos materialismos e dos positivismos em voga, de tal modo e com tantos brios que a simples exposição do seu espiritualismo quebrou a tônica vulgar no Brasil em que viveu. Por isso mesmo, porque separada nitidamente do real, a sua filosofia veio a ser uma filosofia de combate, bandeira de um sentido espiritual e elevado da vida.

Íntimamente ligado a êste contraste, surge outro, consequência lógica do primeiro: o fato de que um filósofo não cristão tenha sido o precursor do renascimento da filosofia cristã no Brasil. Que o Cristianismo tivesse sido o termo final e inelu-

(108) FERNANDO DE AZEVEDO, *A cultura brasileira. Introdução ao estudo da cultura no Brasil*, 2.^a ed., São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1944, pág. 240.

(109) Outros dados poderiam ser. vg. o de que Nelson Romero recolha o parecer de seu pai Sílvia Romero sobre Farias Brito, na 4.^a ed. da *História da Literatura brasileira*, referida já na nota 10.

dível de sua linha mental, se não tivesse morrido demasiadamente cedo, ou, o que é mais provável, que o roce contínuo com escritores cristãos na grande batalha contra o positivismo viesse a limar qualquer disparidade entre êle e os católicos, o que é certo é que Raimundo de Farias Brito, espiritualista racionalista nas suas obras, levantou o estandarte da reação ideológica brasileira num dos mais extraordinários contrassentidos que se encontram na história do pensamento de todos os nossos povos.

A segunda conclusão a que podemos chegar, é que êste pensador, do anômalo destino, constitui a figura mais alta que produziu o Brasil no terreno filosófico. Poderá objetar-se-lhe falta de originalidade em muita coisa; poderemos argüí-lo como tendo mais de crítico que de criador, e que sua ideologia brotou do diálogo analítico com os grandes nomes da especulação moderna; podemos lançar-lhe em rosto o seu inexplicável desconhecimento da filosofia escolástica, com a qual teria evitado mais de um passo em falso no caminho das suas meditações; dir-se-á talvez que o seu iluminismo filosófico se avizinha mais de um trabalho místico que de um puro pensamento, ou que as suas reações levam por vêzes o sêlo de personalismos. Apesar de tudo, e não obstante as censuras que se lhe possam fazer, a sua obra é robusta e profunda, densa e nobre, com vislumbres de grandezas desconhecidas no orbe americano, documentada e contínua, o monumento mais alto da filosofia no Brasil.